

Sobre o livro *O Mundo Inacabado: Ação e Criação em uma Cosmologia Amazônica. Etnografia Pirahã*, de Marco Antonio Gonçalves. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001. 424 p.; 17 x 24 cm; 74 figuras (fotos e desenhos indígenas).

Resenha publicada com o título "Deuses e Mitos da Floresta" no *Jornal do Brasil*, 01-06-2002, caderno "Idéias", p. 5.

[Página inicial](#)

[Lista das Resenhas](#)

Este livro resulta de um encontro feliz: de um lado, um povo indígena com uma complexa e elaborada cosmologia; de outro, um arguto etnólogo com excelente formação, plenamente capaz de descrevê-la e interpretá-la para nós, seus leitores.

Há um marcado contraste entre as fotos e o texto. Aquelas mostram cenas do cotidiano de indígenas que vivem ao longo de praias fluviais, que se alargam ou se estreitam e até desaparecem, conforme a alternância das estações da cheia e da vazante: abrigos de construção rápida, mal cobertos de palha, sem paredes; estrados para descansar ou dormir improvisados com alguns troncos finos; poucos utensílios; enfim, nesse grande despojamento material talvez o que haja de mais sólido sejam as canoas de tronco. Já o texto descreve o complexo universo imaginado pelos pirahãs, dividido em numerosas camadas superpostas, cada qual com suas características e seus habitantes; como são gerados os seres que nelas residem; as relações e os nexos entre os seres das distintas camadas; as substâncias cuja presença, ausência ou dosagem definem esses seres.

Os pirahãs constituem um ramo dos muras. São uns 220 indivíduos que vivem nas margens do rio Marmelos, tributário da margem direita do Madeira, e de seu afluente, o Maici, no município de Humaitá, no sul do estado do Amazonas. Os outros muras vivem na região da confluência do Madeira com o Amazonas (municípios de Autazes, Borba, Careiro, Itacoatiara, Manicoré) e são mais numerosos (no ano 2000 havia 5.540 muras e 360 pirahãs, conforme o Instituto Socioambiental). Com a dizimação dos indígenas que anteriormente viviam nas margens do Amazonas, pela escravização, moléstias contagiosas, deslocamento para missões religiosas, nos primeiros anos de presença européia, os muras se deslocaram de modo a ocupar o seu lugar, onde constituíram um poderoso obstáculo aos colonizadores no século XVIII, desempenhando também importante papel no tempo da Cabanagem, no século seguinte. Por isso despertaram o interesse de uma abordagem mais histórica, que marca os trabalhos da antropóloga Marta Amoroso, da Universidade de São Paulo. Já os pirahãs, menos expostos, mas não imunes, ao contato interétnico, despertaram em Marco Antonio Gonçalves o interesse pela sua cultura, tendo-lhe servido de tema para sua dissertação de mestrado e sua tese de doutorado, ambas elaboradas e defendidas no Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, da qual também faz parte o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, onde é hoje professor.

Sua dissertação de mestrado tomou forma de livro em *O Significado do Nome: Cosmologia e Nomenclatura entre os Pirahã* (Rio de Janeiro: Sette Letras, 1993, 170 p.), do qual tive a oportunidade de fazer um comentário mais detalhado no *Anuário Antropológico/94* (Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro). Sua tese de doutorado, mais ampla tanto quanto ao tema como em número de páginas, sai agora transformada no livro de que aqui dou notícia. Ambos os livros resultam de uma pesquisa de campo junto aos pirahãs de dezoito meses, distribuídos em seis períodos entre 1986 e 1993.

*O Mundo Inacabado* é, como o próprio autor indica no seu subtítulo, uma etnografia. Mas etnografia no bom sentido do termo, pois, longe de uma descrição pura e simples, faz uma apresentação da cultura pirahã atenta às principais questões que têm sido levantadas em recentes trabalhos sobre outros povos das florestas ou savanas sul-americanas. Se fosse escrito há quarenta anos atrás, o texto provavelmente teria como núcleo a organização social. Sendo, porém, dos dias de hoje, tomou adequadamente como foco a cosmologia, não só por ser o centro do interesse dos próprios pirahãs, como também por articular vários pólos de discussão caros aos atuais etnólogos. Um desses pólos é a noção de corporalidade, para com a qual a contribuição do pensamento pirahã é profusa. Os diferentes tipos do que popularmente chamamos de "almas" e "espíritos" que ganham existência a partir de ocorrências que afetam os corpos dos pirahãs (e também de animais, vegetais ou rochas) têm uma forma corpórea. As plantas cultivadas têm sua origem em partes do corpo humano. Outro pólo é a noção de substância, de que são principais exemplos o sangue e o *etoibii*, cuja quantidade, desde nula até alta percentagem, distingue homem de mulher, corpos humanos deste chão de espíritos de outros patamares, animais comestíveis de evitáveis. Ainda constitui um outro pólo a noção de predação, que no caso pirahã é marcada pela possibilidade de a presa reagir como predador.

Além dessas noções evidenciadas e de discussão iniciada em outras etnografias, o estudo dos pirahãs permite ao pesquisador destacar outras. Entre elas se conta a noção de experimento, manifesta na idéia de que os agentes criadores das coisas do universo atuam devagar, aprimorando com acréscimos e correções aquilo que fazem. Outra noção é a de parecer, mais evidente nas semelhanças e diferenças que os pirahãs apontam entre os animais que povoam os distintos patamares do universo: animais da mesma espécie têm formas e tamanhos diversos em cada uma dessas camadas, enquanto que certas características de uma espécie podem ocorrer numa outra espécie de outra camada. Tal noção retira qualquer sentido intrínseco que possa haver nas coisas em si mesmas. Mas a noção para a qual o pesquisador aponta mais incisivamente, e com a qual inicia o próprio livro, é a de ação. Se bem o interpreto, ela estaria na idéia de que nada passa a existir ou se transforma no universo pirahã sem um ato desencadeador.

Como falam uma língua tonal, os pirahãs usam a relação entre tons para estabelecer significados e assim comunicarem-se por meio de gritos, de assobios e "falar-comendo". E ainda se permitem atribuir sentido às vozes dos animais. Várias páginas são dedicadas à apresentação da frase ou frases que cada espécie animal enuncia, sem que fique claro se todas elas decorrem de uma interpretação com base nos tons. Como, ao longo do livro, o autor assiduamente recorre a frases no idioma indígena, seguidas de tradução literal e tradução livre para o português, para melhor definir um conceito ou caracterizar uma idéia pirahã, poderia ter utilizado procedimento gráfico semelhante de modo a tornar mais inteligível a maneira como se dá essa curiosa forma de comunicação.

Embora a introdução não seja fácil para aqueles não diretamente envolvidos com os temas da moderna etnologia sul-americana, os demais capítulos são de leitura agradável, alguns até fascinantes, como o referente aos inúmeros sonhos que o pesquisador recolheu, nos quais se conjugam o cosmológico, as relações sociais e o cotidiano. Finalmente, quase como que a testar se o leitor realizou com proveito seu trajeto ao longo do livro, vem o capítulo onde se descrevem quatro sessões xamânicas, com personagens em cenas que ele pode compreender sem que lhe sejam inteiramente dados a ver os atores e o palco.

Julio Cezar Melatti